

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Estamos em um momento de manhas e artimanhas"

(Alerta de Dilma Rousseff, presidenta afastada do poder por um golpe parlamentar)

Do dr. Ulysses a Temer

► **A singular e dolorosa trajetória de um partido resistente que, em busca de poder, passou a se esmerar em traições**

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1989, a primeira disputa direta após a ditadura militar, deixou marcada na história do PMDB a grande traição cometida pelo partido. Ulysses Guimarães, referência política importante da história republicana brasileira, disputou a eleição pela legenda fundada em 1965, batizada então de MDB, e por ele presidida a partir de 1971. Ganharia um "P" com a reforma partidária imposta pela ditadura em 1979.

O candidato contava com a força eleitoral do partido e com a histórica foto na qual erguia um exemplar da Constituição, batizada de "Cidadã", bem como com seu digno passado de antecandidato em 1973 e de "Senhor Diretas Já", em 1984.

Parecia uma arma eleitoral insuperável. Foi um fiasco, para o orgulho do sóbrio e confiante Ulysses. Ele ficou em sétimo lugar com modestos 3,2 milhões de votos, em um eleitorado de 82 milhões.

Esta foi a primeira deslealdade do PMDB. Para isso, o partido abriu mão de tentar conquistar o poder pelo voto popular. Assim, postou-se como guardião das tradições contra um operário metalúrgico chamado Lula que, inespera-

damente, ameaçava os candidatos tradicionais.

Forçado pelas circunstâncias, o PMDB não titubeou. Descartou Ulysses. Apostou todas as fichas em Fernando Collor, um carioca desconhecido formado politicamente em Alagoas. Uma facada. Seja qual for a explicação, Ulysses foi vítima da deslealdade do PMDB. Uma traição. A primeira, mas não a última.

Posteriormente, em 1994, o partido, sem condições de alcançar o poder, fechou com a candidatura de Fernando Henrique Cardoso. Chamado até então de "príncipe da sociologia brasileira", foi reduzido à condição de sociólogo temporário.

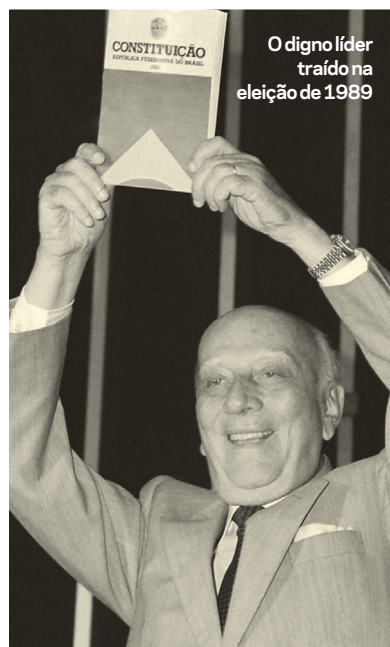
Em 2002, após os oito anos de FHC, em boa parte calamitosos, Lula venceu a disputa. Para formar uma base governista sólida, convocou o PMDB como aliado. O PT reagiu. Rangedu os dentes. Cedeu, ao cabo, e entrou no jogo.

Ao fim de dois mandatos, Lula fez de Dilma Rousseff a sua sucessora. Para suprir eventuais dificuldades eleitorais escolheu Michel Temer como vice-presidente na chapa governamental.

Contava com a influência do PMDB nos confins do País. O partido não tinha identidade política. Era, e ainda é, um ajuntamento de pessoas. Uma diversidade de interesses. Não olha o Brasil, e sim seus interesses. O PMDB, mais uma vez, é o instrumento do jogo de sempre.

O partido, supostamente aliado da presidenta Dilma Rousseff, tornou-se promotor da conspiração golpista.

E Michel Temer traiu.





Terra à vista

Michel Temer, presidente interino, mandou um recado duro para o MST através do deputado Osmar Terra (PMDB-RS) ministro do Desenvolvimento Social e Agrário.

“Se for agitação contra o governo, guerra é guerra. E cada um vai usar as armas que tem e as nossas são as verbas.”

O ministro ameaça estrangulamento do movimento. Ele tem o poder de decidir o que é agitação.

Está armado o confronto entre Terra e os Sem-Terra.

Os blindados

O ministério de Temer tem sete ministros investigados pela Lava Jato. Além disso, possuem folhas corridas pretéritas rechonchudas. Vão ganhar foro privilegiado e somente o STF poderá julgá-los.

Toga Tucana I

Após 18 anos usando e abusando da toga do Supremo Tribunal Federal, é possível

afirmar que o ministro Gilmar Mendes perdeu a capacidade de julgar.

Assim como ele acha que a presidenta Dilma perdeu a condição de governar.

Toga Tucana II

Gilmar, aliás, ganhou aplausos por determinar a abertura de inquérito contra Aécio Neves, requerido por Rodrigo Janot, procurador-geral da República.

Em pauta uma velha suspeita facilmente comprovável. Aécio recebia propina do agente dele em Furnas.

Gilmar, porém, foi mais longe. Determinou o desarquivamento de outra ação contra o senador tucano, a partir da delação do senador cassado Delcídio do Amaral.

É preciso ter cautela. Nem sempre o princípio coincide com o fim.

Sugere-se aguardar o desfecho da novela.

Trombada

O senador Cristóvão Buarque (PPS) e o governador Rodrigo Rollemberg (PSB)

Este vai comandar mais um ataque aos desvalidos

já não se falam mais desde a montagem do secretariado do governo do Distrito Federal.

Cristóvão Indicou alguém a Rollemberg para cuidar da Cultura.

O governador resistiu. O senador desistiu.

Pudicícia

Moreira Franco resgatou frase de Ulysses Guimarães para tentar fazer dela o lema de Temer que, “por acaso”, está envolvido na Lava Jato.

“O princípio inaugural da República é não roubar, não deixar roubar e colocar na cadeia quem rouba”, sentenciou Ulysses.

A frase inspira uma observação mais geral.

Quem roubou e não é preso não devolve o fruto do roubo.

Assim, mesmo que surja a oportunidade os corruptos de ontem não precisam roubar mais.

Poupem a República.

O imitador hipócrita



Retrocesso

São fortes os ataques dos governistas de Temer à linha de atuação do Itamaraty nos governos petistas.

O senador tucano José Serra rege a orquestra. Com ele nas Relações Exteriores o País não repetirá mais a máxima criada por Chico Buarque, que, ingenuamente ou não, dava orgulho.

“Não voto em quem fala grosso com a Bolívia e fino com os Estados Unidos.” É o fim.

mauriciodias@cartacapital.com.br